

# CENOGRAFIA CONSTRUINDO ESPAÇOS: A MODERNIDADE EM SANTA ROSA

Autora: Niuxa Dias Drago

Orientadora: Evelyn Furquim Werneck Lima

Bolsista CNPq

**Resumo:** Este projeto busca investigar a obra cenográfica de Tomás Santa Rosa Júnior (1909-1956) no contexto do modernismo brasileiro. Santa Rosa foi autodidata, pintor, desenhista, programador visual e cenógrafo e um dos fundadores do modernismo, uma vez que tanto introduziu no Brasil teorias teatrais da vanguarda européia, como foi um estudioso de nossa cultura popular. A metodologia prevê a localização da iconografia de seus 35 cenários e a análise icono-semiológica dos mesmos, buscando inserir sua obra no processo de modernização do Brasil e confrontando-a com algumas expressões da arquitetura do Movimento Moderno.

**Palavras Chave:** Cenografia, Modernismo, Santa Rosa

## Projeto

Este projeto de pesquisa foi estimulado pela ausência de estudos acadêmicos sobre a cenografia de Tomás Santa Rosa Júnior (1909-1956). Apesar de ter concebido o mais famoso cenário do teatro brasileiro, o de *Vestido de Noiva* (1943), Santa Rosa não teve sua obra cenográfica reunida, classificada ou analisada. Cássio Barsante, seu biógrafo, promoveu um levantamento sobre o conjunto de sua obra, que inclui também desenhos, pinturas e textos críticos sobre teatro. Este levantamento, no entanto, por falta de uma análise mais acurada das obras, não possibilita uma visão da real contribuição de Santa Rosa para a cenografia.

O objetivo inicial da pesquisa foi suscitado pela visão de seus cenários mais famosos, como os de *Vestido de Noiva* (1943) e *Senhora dos Afogados* (1954), que estão diretamente ligados à espacialidade e às propostas do encenador suíço de Adolphe Appia, inaugurador do simbolismo cenográfico com o uso da luz e de patamares, rampas e escadas. Nos cenários concebidos por Santa Rosa para as peças de Nelson Rodrigues, parecia evidente uma familiaridade também com a arquitetura moderna brasileira, então em evidência com as obras de Oscar Niemeyer, Affonso Reidy e Burle Marx, entre outros. Parecia premente, portanto, promover um estudo e uma divulgação que inserisse a obra de Santa Rosa no contexto do Movimento Moderno Brasileiro,

contribuindo também para acabar com as fronteiras que separam o teatro do movimento geral das artes.

Logo no início da pesquisa, observando com mais cuidado alguns de seus cenários, foi possível perceber a diversidade de sua obra, que demonstrou muito mais aspectos do que aqueles revelados pelos cenários mais conhecidos. A influência da pintura, principalmente dos movimentos de vanguarda, como o surrealismo, o abstracionismo, o fauvismo, aparecem em alguns dos cenários, abrindo uma outra perspectiva de modernização além daquela ligada mais diretamente à espacialidade.

Neste momento, tornou-se necessária a definição de uma metodologia focada nos estudos iconológicos, uma vez que parecia clara a influência da pintura, mesmo nos cenários que não se construía com telões. Além dos estudos sobre Benjamim, Warburg e Panofski, para os quais foi de importância fundamental a disciplina oferecida pelo professor Wolfgang Bock, foram estudados elementos de semiologia e aprofundado o “método ícono-semiológico” de análise da cena, já desenvolvido em pesquisas anteriores do Laboratório de Estudos do Espaço Teatral, coordenado pela Profa. Dra. Evelyn Furquim Werneck Lima.

O projeto encontra-se ainda em fase de coleta de dados, que já passam por uma análise preliminar. Será necessário, agora, recorrer a acervos pessoais, uma vez que há cenários cujo registro iconográfico não foi encontrado nos acervos públicos.

### **Objeto**

Tomás Santa Rosa Júnior (1909 – 1956) nasceu em João Pessoa e chegou ao Rio de Janeiro em 1932, após abandonar um emprego burocrático e decidir dedicar-se às artes. No Rio, dividiu quarto com José Lins do Rego, que se tornaria um dos maiores representantes da literatura regional nordestina, e foi aluno e auxiliar de Portinari, que considerava seu maior mestre e um de seus melhores amigos.

Trabalhou como crítico de arte e ilustrador em quase todos os jornais que existiam então na cidade. Foi grande autodidata, tornando-se especialista em diversas artes (pintura, desenho, cenografia, teatro e música). Foi professor no MAM e na Fundação Getúlio Vargas, Secretário Geral da Comissão Nacional de Teatro, Diretor do Conservatório, técnico de iconografia da Biblioteca Nacional, e membro da Comissão Artística do Teatro Municipal.

Foi um dos fundadores, em 1938, do grupo “Os Comediantes”, que viria a ser um marco da modernização do Teatro Brasileiro. O diretor polonês Ziembinski apareceu em 1941 para formar com ele uma das mais fecundas duplas de criadores do espaço cênico do nosso teatro. Ao encontrarem a dramaturgia de Nelson Rodrigues, produziram dois dos mais importantes espetáculos da modernização cênica brasileira: *Vestido de Noiva* (1943) e *Dorotéia* (1950).

Em paralelo, Santa Rosa insistiu, por muito tempo, junto aos Comediantes, na fundação de uma escola de Artes Cênicas. Efetivamente, o Brasil lhe deve a consciência de que o trabalho artístico não prescinde de uma formação teórica e técnica. Santa Rosa foi o primeiro a empunhar esta bandeira, num momento em que ainda se acreditava que a função artística devia-se mais a instinto que a estudo e treinamento.

Arrebanhando, às próprias custas, uma enorme biblioteca de publicações internacionais sobre teatro e cenografia, e convivendo intimamente com os grandes nomes da arte brasileira, Santa Rosa revolucionou a cenografia e o teatro brasileiro alcançou, finalmente, o patamar de experimentalismo onde a Europa já se encontrava desde finais do século XIX. O cenógrafo recebeu medalha de ouro da Associação Brasileira de Críticos pelos cenários de *Vestido de Noiva*, *A Morte do Caixeiro Viajante* e *Senhora dos Afogados* (BARSANTE, 1980).

Como cenógrafo, Santa Rosa começou trabalhando para a Cia de arte Dramática de Álvaro Moreyra e para a Cia de Comédias Jaime Costa, na década de 1930. Poucos anos depois já participava da fundação de “Os Comediantes”, companhia em que atuou até 1947, concebendo uma dúzia de cenários. A partir de 1947, trabalhou junto ao Teatro Experimental do Negro (TEN) durante 3 anos, concebendo cenários para cinco espetáculos. Na década de 1950 dividiu-se em atividades no Theatro Municipal, onde se tornou diretor artístico e a Cia Dramática Nacional, criada em 1952 pelo SNT.

Infelizmente, o cenógrafo morreu de forma inesperada, na Índia, enquanto representava o Brasil na Conferência Internacional de Teatro de Bombaim, em 1956. Seu acervo permanece fragmentado e não permite que tenhamos hoje uma visão da magnitude real desta obra. A investigação sobre ela ainda deve revelar elementos importantes para a compreensão da constituição de uma identidade artística do nosso teatro, uma vez que Santa Rosa parecia ser, dentre todos os artistas brasileiros, o mais sensível à observação dos aspectos cenográficos que se apresentavam tanto em teoria, como a partir dos espetáculos e artistas estrangeiros que aqui chegavam.

Sobre ele, escreveu Yan Michalski,

[...] com o devido respeito a alguns esforços dos precursores, não parece exagerado afirmar que a cenografia teatral, na concepção moderna do termo, simplesmente não existia antes de Santa Rosa. [...]

O acervo de suas realizações para teatro, ópera e ballet é impressionante para um artista que trabalhou, em artes cênicas, apenas 16 anos, e morreu aos 47 anos de idade. Mas não menos significativo do que este acervo construído nos palcos foi seu trabalho como professor, como virtual introdutor do ensino sistematizado da cenografia entre nós. Através de seus discípulos, seus conhecimentos e seu exemplo foram sendo transmitidos às gerações mais novas e a passagem de Santa Rosa pelo teatro não é certamente alheia ao fato de que, muitos anos após a sua morte, tenha chegado um período em que, através do surgimento de uma jovem geração admiravelmente criativa (Joel de Carvalho, Hélio Eichbauer, Flávio Império, Luiz Carlos Ripper, Marcos Flaksman, etc), a cenografia se tenha transformado no setor talvez mais forte do teatro brasileiro, garantindo o interesse de muitos e muitos espetáculos nos quais a dramaturgia, a direção e a representação dos atores nem sempre estavam à altura de sua ambientação visual (MICHALSKI, 1981).

Se Santa Rosa é considerado o inaugurador da moderna cenografia brasileira, não o é apenas porque compreendeu o universo particular de Nelson Rodrigues. O cenógrafo foi um dos primeiros no Brasil a traduzir em cena uma teoria que já vigorava havia quase meio século na Europa. Mas tampouco a assimilação dos conceitos cenográficos de Adolphe Appia e Gordon Craig, no que diz respeito à simplicidade, ao simbolismo do décor e à iluminação, por si só podem explicar como ele soube criar algo tão familiar a ponto de permitir a imediata fruição da platéia brasileira. Como afirma o próprio cenógrafo,

Acredito que essa tarefa (da renovação teatral) possa ser realizada, partindo de um sentimento nacional. Não me refiro aqui ao regionalismo, que, no entanto, poderá, por sua vez, servir a certa espécie de criação, mas àquele sentimento inato, em ligação com coisas e seres conhecidos, que estão na base da formação de todo indivíduo (SANTA ROSA, s/d: 9).

Os dados até agora reunidos pela pesquisa, compreendem informações sobre 35 cenários do artista, 22 dos quais ilustrados com fotos da montagem ou desenhos originais.

## **Objetivos**

Objetivo Geral:

- Estabelecer vínculos entre a cenografia de Santa Rosa e o Movimento Moderno da Arte Brasileira nas décadas de 30 a 50, assim como as vanguardas da pintura européia, buscando revelar as especificidades nacionais de seu trabalho, e também a forma criativa como ele adaptou a modernidade pictórica à espacialidade do palco.

### Objetivos Específicos:

- Estabelecer interfaces entre a obra cenográfica de Santa Rosa e as influências estéticas teóricas declaradas pelo artista.
- Estabelecer interfaces entre a obra cenográfica de Santa Rosa e as dos demais cenógrafos e encenadores estrangeiros que aportaram no Brasil nas décadas de 40 e 50,
- Analisar a dramaturgia referente às obras cenografadas por Santa Rosa, buscando compreender os caminhos da sua interpretação e a importância da dramaturgia contemporânea para o desenvolvimento da sua cenografia, com foco especial sobre a obra de Nelson Rodrigues,
- Com os dados sobre dramaturgia e cenário artístico, proceder à análise icono-semiológica dos cenários.
- Apontar, a partir da análise de seus cenários reconstituídos em maquetes, elementos formais que vinculem sua cenografia às outras obras cenográficas e outras artes, buscando definir o traço fundamental de sua contribuição para a arte cenográfica.

### **Metodologia**

O projeto prevê a realização das seguintes etapas:

Em andamento,

1) Pesquisa sobre as artes cênicas ocidentais desde as primeiras décadas do século XX, destacando as influências declaradas por Santa Rosa. Para a realização desta etapa, além dos autores de referência (Appia, Craig, Copeau, Dullin, Baty, Pitoëff, Jouvet, Reinhardt, Piscator, Meyerhold, entre outros) pretende-se consultar periódicos nacionais e internacionais, em acervos e através da Internet.

2) Pesquisa de um corpo teórico que abasteça a análise da cenografia de Santa Rosa. Além das teorias de Benjamim, Barthes e Panofski para a elaboração de um método de análise da imagem, Serão necessários embasamentos para a análise da pintura moderna, buscados em Argan, Francastel e Amaral.

3) Pesquisa da Arte Moderna Brasileira, em especial a carioca, que chegou a assumir, na década de 1940, uma posição de vanguarda internacional no campo da arquitetura, do paisagismo, do muralismo e da escultura urbana.

4) Levantamento minucioso dos dados bibliográficos e iconográficos referentes à obra cenográfica de Santa Rosa. Para tanto, pretende-se recorrer à consulta de acervos, periódicos, jornais da época e bibliografia especializada.

5) Análise preliminar, buscando agrupar suas obras de acordo com as matrizes estéticas mais evidentes.

Próximas etapas:

6) Entrevistas com Abdias Nascimento, Nilson Pena, Fernando Pamplona e outros artistas que conviveram com Santa Rosa, a fim de esclarecer dúvidas sobre algumas obras, sobre o processo criativo do cenógrafo e recolher dados sobre cenários ainda não documentados.

7) Consulta a periódicos (continuação)

8) Análise dos cenários reconstituídos à luz do corpo teórico consultado.

9) Elaboração de maquetes dos cenários mais representativos.

9) Redação da tese

### **Considerações finais**

A pesquisa sobre a obra de Santa Rosa tem se mostrado instigante e aberto novas portas para investigação, o que fez mudar muito o projeto original. Um fato interessante mostrado por este primeiro levantamento é a descontinuidade dos tipos de propostas cenográficas, que oscilam entre o naturalismo, o simbolismo, o expressionismo e cenários mais pictóricos, alinhados com o surrealismo ou o abstracionismo. O levantamento deixa claro que as opções não foram se sucedendo cronologicamente para o artista, mas que aconteceram simultaneamente, e dependiam do estudo das obras, dos atores, das propostas das companhias. Isso comprova a modernidade da atuação de Santa Rosa, antenado com a figura do encenador, que buscava dar autonomia a cada obra tornando-a independente e original, sem respostas pré-concebidas.

Buscamos organizar as imagens levantadas de forma a analisar o conjunto da obra. Uma primeira organização, cronológica, evidencia a diversidade e levanta questões sobre se há a configuração de “ciclos” ou uma independência das encenações. Num segundo momento, buscamos organizar as encenações numa tabela segundo aproximações estéticas, analisando, num quadro geral, quais as propostas predominantes para o cenógrafo e que relações há entre as propostas espacial e visualmente familiares, ainda que afastadas no tempo.

Numa tentativa de organizar sua obra em tendências, percebemos que é praticamente impossível determiná-las claramente, uma vez que elas se misturam, estando o expressionismo muito presente em função da iluminação, o simbolismo e o construtivismo muito próximos no uso dos cenários em níveis e a pesquisa pictórica dividindo-se em várias vertentes (expressionismo, surrealismo, abstracionismo, fauvismo, etc). Ainda assim, tentamos uma organização, a fim de mostrar que as pesquisas se perpetuam no tempo e o artista nunca abandona definitivamente nenhuma das vertentes.

ENFOQUE	ESPETÁCULOS
Realista	Anna Christie (1937) Uma Loura Oxigenada (1937) Era uma Vez um Preso (1946) Massacre (1951)
Pictórico	Escola de Maridos (1943) O Filho Pródigo (1947) Aruanda (1948) A Família e a Festa na Roça (1948) Pedro Malazarte (1952) A Mancenilha (1953) O Espantalho (1954) O Guarani (1955) Carmem (1956)
Simbolista / Construtivista	Vestido de Noiva (1943) A Mulher Sem Pecado (1946) Terras do Sem Fim (1947) A Morte do Caixeiro Viajante (1951) A Falecida (1953) Senhora dos Afogados (1954)
Expressionista	Peleas e Melisanda (1943) A Rainha Morta (1946) Dorotéia (1950)

A partir desta classificação, acreditamos poder tornar mais claras as opções e a forma de trabalho do cenógrafo que introduziu a modernidade no Espaço Cênico brasileiro

## **Referências bibliográficas**

BARSANTE, Cássio Emanuel. *A Vida Ilustrada de Santa Rosa*. Rio de Janeiro: Bookmakers, 1993.

BARSANTE, Cássio Emanuel. *Santa Rosa em Cena*. Rio de Janeiro: Inacem, 1980.

MICHALSKI, Yan. “O Pai da Cenografia Brasileira” In: *Jornal do Brasil*, Caderno B, 24/11/1981 (consultado no Arquivo Santa Rosa da Biblioteca do MNBA)

## **Referências bibliográficas principais**

APPIA, Adolphe. *A Obra de Arte Viva*. Trad. Redondo Júnior. Lisboa: Ed. Arcádia, s/d.

ARGAN, Giulio Carlo. *A Arte Moderna*. Trad. Denise Bottmann e Frederico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

BABLET, Denis et JACQUOT, Jean. *Le Lieu Théâtral Dans La Société Moderne*. Paris: editions C.N.R.S., 1969.

BABLET, Denis. *Les Révolutions Scéniques au XX<sup>em</sup> e siècle*. Paris: Société International D’art, 1975.

BARTHES, Roland. *A Câmara Clara: Nota sobre a Fotografia*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BERNARDINI, Aurora Fornoni (org). *O Futurismo Italiano*. São Paulo: Perspectiva, 1980.

BERTHOLD, Margot. *Historia Mundial do Teatro*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2001.

BRITO, Ronaldo. *Neoconcretismo - Vértice e ruptura do projeto construtivo brasileiro*. Rio de Janeiro: Cossac & Naify, 1999.

COSTA, Iná Camargo. *Sinta o Drama*. Petrópolis: Ed. Vozes, 1998.

CRAIG, E.Gordon. *Da Arte do Teatro*. Trad. Redondo Júnior. Lisboa: Editora Arcádia, s/d.

D’AMICO, Victor. *Theater Art*. Peoria, Illinois: The Manual Arts Press, 1931.

DIAS, José. *A Importância da Cenografia*, In: Revista *O Percevejo* 7 – O Teatro e as Artes Plásticas. 1999. Departamento de Teoria do Teatro. Programa de Pós- Graduação em Teatro. UNIRIO.

DÓRIA, Gustavo. *Moderno Teatro Brasileiro*. Rio de Janeiro: MEC – SNT, 1975.



FRANCASTEL, Pierre. *Pintura e Sociedade*. Trad. Elcio Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

GARCIA, Silvia. *Teatro das Vanguardas Históricas*. São Paulo: Hucitec / FAPESP, 1997.

LOPES, Ângela Leite. *Nelson Rodrigues trágico, então moderno*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1993.

LIMA, Evelyn Furquim Werneck. “A cena teatral brasileira nos anos quarenta: rupturas e tradições”. In: Revista *O Percevejo*: Revista de Teatro, Crítica e Estética, anos 9/10, nº 10/11. 2001 / 2002

\_\_\_\_\_ *Das Vanguardas à Tradição: arquitetura, Teatro e Espaço Urbano*. Rio de Janeiro: 7 letras, 2006.

MAGALDI, Sábato. *Nelson Rodrigues: dramaturgia e encenações*. São Paulo: Perspectiva, 1992.

MEYERHOLD. *O Teatro Teatral*. Trad. Redondo Júnior. Lisboa: Arcádia, s/d.

MICHALSKI, Yan. *Ziembinski e o teatro brasileiro*. São Paulo: Hucitec, 1995.

MINDLIN, Henrique E. *Arquitetura Moderna no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Aeroplano / IPHAN, 2000.

PANOFSKY, Erwin. *Significado nas Artes Visuais*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2002.

PAVIS, Patrice. *A Análise dos Espetáculos*. São Paulo: Perspectiva, 2003.

\_\_\_\_\_ “Du texte à la Scène: um enfantement difficile”. In: *Le Theatre au Croisement des Cultures*. Paris: Corti, 1990.

\_\_\_\_\_ *Dicionário de Teatro*. São Paulo: Perspectiva, 2000.

PERCOF, Marjorie. *O Momento Futurista*. São Paulo: Edusp, 1997.

PEREIRA, Victor Hugo Adler. “Os Intelectuais, O Mercado e o Estado na Modernização do Teatro Brasileiro”. In: BOMENY, Helena (org) *Constelação Capanema: intelectuais e políticas*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2001.

PONTES, Heloisa. “Dois franceses na renovação da cena teatral brasileira: Louis Jouvet e Henriette Morineau” In: *Pró-posições*, Revista do Departamento de Educação da Unicamp, vol.17, n.3 (51) set./dez. 2006.

- PRADO, Décio de Almeida. *O Teatro Brasileiro Moderno*. São Paulo: Perspectiva, 2001.
- \_\_\_\_\_ *Apresentação do Teatro Brasileiro*. São Paulo: Perspectiva, 2001.
- RIPELLINO, A. M. Maiakovski e o Teatro de Vanguarda. São Paulo: Perspectiva, 1971.
- ROSENFELD, Anatol. *O teatro Épico*. São Paulo: Perspectiva, 1985.
- ROUBINE, Jean- Jacques. *Introdução às Grandes Teorias do Teatro*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- \_\_\_\_\_ *A Linguagem da Encenação Teatral 1880-1980*. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 1998.
- RYNGAERT, Jean Pierre. *Introdução à análise do Teatro*. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- SANTA ROSA, Tomas. *Teatro: realidade mágica*. Rio de Janeiro: MES/Serviço de Documentação, s/d.
- SONREL, Pierre. *Traité de Scenografie*. Paris: Librarie Theatrale, 1943.
- SZONDI, Peter. *Teoria do Drama Moderno*, Trad. Luis Sergio Repa. São Paulo: Cosac & Naify, 1999.
- TORRES, Walter Lima. “A Turnê do Teatro Luis Jovet no Rio de Janeiro e São Paulo”. In: Revista *O Percevejo: Revista de Teatro, Crítica e Estética*, anos 9/10, nº 10/11. 2001 / 2002: 118-134.
- TASSINARI, Alberto. *O Espaço Moderno*. São Paulo: Cosac & Naify, 2001.
- XAVIER, Alberto (org). Lúcio Costa: *Sobre Arquitetura*. Porto Alegre: Unirriter, 2007.
- WICK, Rainer. *Pedagogia da Bauhaus*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.